

**Fabio Geraldo Araujo\***,  
**Rony de Paula Mendonça\*\***  
**Ireni Soares\*\*\***

## **Resenha do livro Inefável e sem forma: estudos sobre O Monoteísmo Hebraico\*\*\*\***

Haroldo Reimer<sup>1</sup> reúne em *Inefável e sem forma* vários estudos que, em sua maioria, foram publicados em diferentes periódicos. O autor dispõe de uma incrível capacidade metodológica para transmitir sua extensa bagagem de conhecimentos. É pertinente ressaltar o domínio que Reimer demonstra na articulação da escrita. Isso nos permite compreender com facilidade as ideias discutidas no decorrer de sua obra. Impossível não perceber no autor uma grande qualidade, a qual está aflorada em sua pessoa: a humildade. Tê-lo como professor foi para nós um dos grandes privilégios que a vida raramente nos oferece.

Reimer trata da construção do sistema de crenças e representações do monoteísmo entre os antigos hebreus, e o utiliza como fonte para uma leitura histórico-crítica de textos bíblicos. Para o autor “os textos são entendidos como ‘representações’, isto é, são elaborações construídas a partir da intencionalidade de autores e transmissores” (p. 15).

---

\* Mestrando em História na PUC Goiás; graduado em Geografia e História, pela PUC Goiás, e Filosofia pela UFPR. Professor na rede particular de ensino.

\*\* Mestrando em História na PUC Goiás; graduado em Educação Física pela UFG; professor no Colégio de Aplicação da UFG.

\* irenimota@hotmail.com

\*\*\*\* Haroldo Reimer. *Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico*. São Leopoldo/Goiania: Oikos/ UCG, 2009. 136p.

<sup>1</sup> Haroldo Reimer é professor titular na Pontifícia Universidade Católica de Goiás e bolsista de produtividade do CNPq, autor de muitos artigos e de vários livros. Descendente de quarta geração de imigrantes alemães no Brasil, Reimer nasceu em Santa Catarina em 1959. De tradição luterana, estudou Teologia (1980-1984) em São Leopoldo, cidade do Rio Grande do Sul. Fez seus estudos de doutorado na Alemanha (1986-1990), e tem experiências em arqueologia em Israel (1987). De volta ao Brasil, atuou por dez anos como pastor na Comunidade Luterana do Rio de Janeiro e como professor universitário (1991-2000). De lá para cá vive e trabalha em Goiás.

O livro está dividido em cinco partes. Na primeira (p. 21), o autor apresenta discussões acerca de um levantamento da situação da pesquisa em torno do tema da origem do monoteísmo ocidental; trata também nessa parte da possível reviravolta na tendência de pesquisa nas últimas décadas do século XX, cujos antecedentes remontam a pensadores como David Hume, Abraham Kuenen, Max Weber e Nikiprowetzky. Na segunda parte (p. 53), são privilegiadas as contribuições e polêmicas em torno da história formativa da ideia da monolatria e do monoteísmo até eles se tornarem marca identitária do povo judeu. A terceira parte (p. 69) aborda a questão do aniconismo, tomando por base o segundo mandamento bíblico de Êxodo 20,4-6 e seu paralelo em Deuteronômio 5,8-10. A quarta parte (p. 91) objetiva apresentar algumas observações de ordem fenomenológica sobre a dimensão de corpo e de gênero do personagem central da Bíblia hebraica ou do Antigo Testamento, o Deus YHWH (entendido como o criador de todas as coisas). E na quinta e última parte (p. 103), o autor nos presenteia com um texto instigante, no qual diz pretender estabelecer uma conexão entre a simbólica da serpente, em Gênesis 3, e a história do desenvolvimento do monoteísmo no antigo Israel.

No texto introdutório, o autor deixa claro que não quer fazer uma pesquisa teológica do Antigo Testamento, na medida em que, segundo ele, isso ressaltaria o caráter normativo das afirmações bíblicas. A leitura dos textos bíblicos foi feita numa perspectiva fenomenológica e histórica. De antemão anuncia a pretensão de outra publicação em processo de preparação, que levará como título *O uno e a diversidade: monoteísmo e diversidade religiosa no antigo Israel*. Ressalta e explica a utilização da expressão *monoteísmo hebraico*, como a adjetivação de um termo utilizado para qualificar uma prática religiosa entre os antigos hebreus.

No primeiro estudo, “Da diversidade à singularidade” (p. 21), o autor busca destacar alguns pontos altos da pesquisa sobre o monoteísmo hebraico no último século, sem entrar em maiores detalhes. São analisados estudos de importantes pensadores, os quais buscaram coordenar os dados bíblicos a reflexões gerais sobre história da religião na Antiguidade. Nessas pesquisas, em geral, a Bíblia era lida numa perspectiva sincrônica, deduzindo-se a ideia de um monoteísmo original, o qual se acreditava ter sido deturpado, no decorrer dos séculos, pelas várias formas de adoração a outras divindades. Na mesma perspectiva, a luta dos profetas contra a idolatria seria mostra de um processo de

degeneração do monoteísmo puro das origens. Acerca de um postulado de um monoteísmo original, surge, na segunda metade do século XX, intensa discussão com profundas transformações nos conceitos e nas concepções. Segundo o autor, a grande questão que se coloca é: como seria se a trajetória da fé monoteísta tivesse se desenvolvido de formas plurais politeístas para a afirmação de uma forma singular, no caso, o monoteísmo, passando por formas intermediárias como a monolatria?

O autor elenca vários materiais de pesquisadores do tema, como Gerhard von Rad, Albrecht Alt, Karl Barth, Victor Maag e outros. Mas a proposta considerada mais crítica é a do americano Morton Smith. Para esse pensador há o desenvolvimento a partir de um imaginário politeísta originário, difundido e compartilhado na região do antigo Oriente próximo, passando por momentos de maior exigência monolátrica até chegar à consolidação do credo monoteísta judaico. Reimer acrescenta que em todo processo deve-se estar atento sempre ao fato de que a história de Israel e também a história de sua religião se desenvolvem sempre dentro do seu contexto político e social, maior.

No segundo estudo, “Monoteísmo e identidade” (p. 53), o autor afirma que o monoteísmo enquanto sistema religioso é, historicamente, uma construção cultural religiosa ocorrida ao longo de um período constricto basicamente entre os séculos IX e V a.C. Sua construção se deu em diálogo e em intercâmbio com expressões simbólicas de outros grupos presentes no antigo Oriente Próximo no período em questão. Acreditamos que é pertinente a afirmação do autor em relação ao diálogo com outras expressões simbólicas, pois aponta para a mobilização afetiva das ações humanas pelos símbolos, os quais legitimam essas ações. O autor parte da perspectiva de que fora de uma rede simbólica a vida social é impossível.

“Inefável e sem forma” é o terceiro estudo da obra (p. 69). Nesse texto, o autor tem como objetivo apresentar algumas perspectivas sobre a proibição de imagens, ao lado do cuidado pela não pronúncia do nome próprio do Deus dos hebreus. Os estudos têm revelado que a constituição de um elemento místico é historicamente conhecida, e que, ao longo da história do povo hebreu, haveria existido material iconográfico, e este, a partir do século VIII a.C, passa a ser, gradativamente, considerado incompatível com o verdadeiro culto a YHWH. O autor conclui com suas pesquisas que a tendência não icônica hebraica foi diluída no processo de expansão do cristianismo à medida que foi assimilando elementos do novo contexto cultural. Isso pode ser entendido

na perspectiva de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.

No quarto estudo, “A corporeidade de Deus” (p. 91), são apresentadas algumas observações de ordem fenomenológica sobre a dimensão de corpo e de gênero do Deus YHWH, sem entrar em discussões de ordem ontológica. O autor cita textos da literatura profética com destaque para Oseias, Jeremias e Ezequiel.

Aí a corporeidade de YHWH recebe contornos de *sexualidade masculina*, pois os textos, em geral, trabalham com a metáfora do casamento, concebendo YHWH como o homem-marido fiel e Israel como mulher-esposa, geralmente infiel e/ou prostituta (p. 97-98).

Nas descrições imaginativas de Deus, verifica-se que YHWH gradativamente recebe contornos antropomórficos masculinos, convivendo, porém, com algumas representações de funções femininas. Deus masculinizado, sem o prazer da felicidade de uma parceria divina compartilhada, acaba sendo construído também com funções femininas, sem, contudo, perder a identidade masculina.

O quinto e último texto tem como foco a serpente em Gênesis 3, com a hipótese de que a serpente como simbolização do mal está relacionada com a história do monoteísmo judaico, representando, no entender do autor, “um estágio avançado da história da afirmação do credo monoteísta como oficial e identitário” (p. 125). Para Reimer, é por meio das representações que são construídos os símbolos, e eles são polissêmicos.

Gênesis 3 é um texto carregado de grande carga interpretativa. Uma leitura sincrônica revela que a crença monoteísta passou por processo de degeneração. Autores renomados têm escrito os seus trabalhos nessa perspectiva. Reimer chama a atenção para o surgimento de novos questionamentos historiográficos que assumem um perfil diacrônico e para uma análise hermenêutica mais criativa em que “novos sentidos vão sendo vislumbrados e ensaiados com base em novas experiências e novas perguntas” (p. 112). A grande questão apontada é a produção do texto com indagações aos que formularam tais textos, e com que objetivos e interesses. O método de Reimer abre caminho para novos horizontes de interpretações, sem chegar ao esgotamento.

No registro da investigação sobre a monolatria e o monoteísmo hebraico, o autor está bastante próximo do pensamento de Paul Veyne (2009). Ambos caminham na mesma direção em relação a várias

questões sobre o tema. Tanto Reimer quanto Veyne concordam que a relação com Deus segue o modelo de relação que os seres humanos têm entre si no contexto social, econômico e político. Os dois pesquisadores defendem a tese da existência de um politeísmo primitivo, fugindo do pensamento determinista de um monoteísmo original.

Na questão do monoteísmo identitário hebraico ou, no dizer de Reimer, da “pátria portátil” judaica, Veyne (2009, p. 163) afirma que o javismo é uma monolatria em virtude de uma escolha mútua: “Javé escolheu o seu povo, o seu povo escolheu a ele”. O mesmo autor afirma ter sido o “ciúme divino” o germe do monoteísmo. O Deus ciumento e a sua lei se tornaram um desafio patriótico para Israel, ou seja, uma identidade.

Sobre a problemática levantada por Veyne (2009, p. 159) “por que é que a evolução que desembocaria no monoteísmo se desenrolou só em Israel?”, Reimer afirma que “a construção do ideal monoteísta se dá em junções e disjunções culturais e religiosas entre o grupamento denominado Israel e grupamentos circunvizinhos, chamados usualmente de cananeus” (p. 67), e que a síntese do credo monoteísta, conflitivo em seus momentos originários, possibilitou a construção de identidades culturais desterritorializadas para distintos grupamentos de judeus. Acrescenta que após muitos e intensos debates, hoje a questão é definida no sentido de que não se trata mais de discutir se Israel tomou elementos culturais de empréstimo de outros povos, mas *como* esses empréstimos foram retrabalhados na perspectiva própria dos hebreus.

Interessante é também a afirmação de Veyne para a mesma questão, quando utiliza o conceito de *inventividade religiosa* na ótica foucautiana, avançando para além das representações do presente e do ausente: “inventividade religiosa (ou revelação) sopra onde quer” (VEYNE, 2009, p. 160). Essa ideia permeia o campo do imaginário social e coletivo. O autor diz ignorar em que momento Javé se tornou o Deus de Israel ou em que época se constituiu um partido religioso javista. Na mesma linha de pensamento de Reimer, Veyne, contudo, afirma que a questão não é saber se o judaísmo tem ou não a honra de sempre ter sido monoteísta, mas saber que etapas ele percorreu e o que se poderia entender por monoteísmo há vinte ou trinta séculos, usando pensamento que não são os nossos.

Reimer se propõe ao debate da problemática das origens do monoteísmo bíblico. Ele nos revela que há uma pressão para datar o fenômeno cada vez mais próximo de nós. A discussão se desenrola

em torno de questões que buscam mostrar como, apesar dos conflitos ocorridos para que fosse instalado, o monoteísmo passou a marcar a identidade de um grupo; e como a tradição hebraica, ao proibir a adoração de imagens, construiu um Deus inefável e sem forma. É bom ressaltarmos que as fontes utilizadas pelo autor foram analisadas à luz da fenomenologia.

O corpo da pesquisa é permeado pela pergunta sobre a origem do monoteísmo bíblico. O autor parte do princípio de monoteísmo hebraico como consolidação oficial de uma ideia teológica transformada em estatuto doutrinário e, sobretudo, difundido por influência sacerdotal. Sua obra discute questões um tanto polêmicas, as quais, com certeza, desagradariam aos ferrenhos seguidores do cristianismo ocidental. Referimo-nos principalmente à quarta e à última partes que abordam respectivamente os estudos da dimensão do corpo e de gênero do Deus YHWH e a simbólica da serpente em Gênesis 3.

A obra *Inefável e sem forma*, vale a pena ser lida. É indicada não somente para os estudiosos do Cristianismo como para qualquer área do conhecimento: Ciência da Religião, História, Antropologia, ou pessoas que queiram conhecer e aprofundar na história do monoteísmo hebraico.

A escrita do texto mostra-se dentro das regras formais metodológicas. De uma forma geral está bem escrito e bem revisado, no entanto, alguns poucos erros ortográficos, oriundos da impressão, são encontrados nas diversas páginas. O papel de cor opaca proporciona comodidade para a leitura, e isto vem somado à habilidade do autor em expor suas ideias.

### **Contato dos autores**

Fabio Geraldo Araujo  
fabiosabbath@cultura.com.br

Ireni Soares  
irenimota@hotmail.com

Rony de Paula Mendonça  
ronymendonça@yahoo.com.br